



Foto: ABCC

■ Em 2011 a produção processada de camarão foi de 30 mil toneladas

que poderia ser um estopim estratégico para despertar o interesse empresarial pelo setor, ampliar a inclusão social no campo, incrementar a oferta no mercado doméstico e iniciar a abertura das comportas para as exportações setoriais.

No caso da carcinicultura marinha ou cultivo do camarão do mar, como o segmento mais organizado da aquicultura, cuja produção está concentrada no Nordeste com a atividade ocupando no setor primário o primeiro lugar na geração de emprego por unidade de área cultivada, o incentivo da isenção do PIS/COFINS e da desoneração da Folha de Pagamento teria o duplo benefício de melhorar a competitividade com o consequente aumento da produção para o consumo interno e para sua volta ao mercado internacional; e de contribuir para atenuar os desequilíbrios macrorregionais do Brasil.

Cabe então a pergunta: por que não incentivar a aquicultura e pesca com a desoneração fiscal e apostar nesse gatilho que poderia acionar o potencial do Brasil e permiti-lhe revelar mais uma de suas facetas de país emergente que, com recursos naturais, contribui para alimentar parte da população mundial?



“ O POTENCIAL PARA EXPLORAÇÃO DA AQUICULTURA É DE TAL ORDEM QUE SE EFICIENTEMENTE ATUALIZADO PODE TRANSFORMAR O BRASIL NA CHINA DO ORIENTE, EM TERRAS DE PRODUÇÃO DE PESCADO VIA AQUICULTURA ”

com estudo recente do Banco Nacional do Desenvolvimento (Bndes, Rio de Janeiro/RJ) o potencial para exploração da aquicultura é de tal ordem que se eficientemente atualizado pode transformar o Brasil na China do Oriente, em terras de produção de pescado via aquicultura.

As condições naturais do País para o desenvolvimento da aquicultura são inestimáveis. Com grandes rios, estuários tropicais e nove milhões de hectares de águas doce acumuladas em reservatórios públicos e privados, além de consideráveis aquíferos, o potencial do Brasil para o cultivo de pei-

xes e crustáceos está no mesmo nível ou chega a ser superior ao da pecuária bovina. Se esta afirmação gera dúvidas, basta uma breve abordagem analítica da dimensão e localização dos recursos aquícolas distribuídos no território pátrio, para que possa ser plenamente confirmada.

Vejamos, entretanto, a posição da aquicultura brasileira em uma simples comparação com a pecuária no contexto das transações financeiras globais. Se no comércio internacional das carnes bovina, suína e de frango, com um giro anual da ordem de US\$ 46,4 bilhões, o Brasil participa com US\$ 15,8 bilhões (34%), no de peixes, crustáceos e moluscos, cujo valor total chega à extraordinária cifra de US\$ 111 bilhões, a quota brasileira, apesar de seu enorme potencial, fica com a inexpressiva cifra de US\$ 245 milhões, ou 0,03% em 2011. O contraste é tão gritante que dele emana, quase que naturalmente, o desafio ao governo e da iniciativa privada, tipo provocação, para que confrontem a questão setorial dos cultivos aquícolas no Brasil com a abrangência e a profundidade que requerem, levando em consideração o fato que a China cuja produção foi da ordem 56 milhões de toneladas em 2009, um número 50 vezes maior de que a produção brasileira.

Algo deve ser feito para incentivar e mover a aquicultura brasileira. Sem pretender entrar no âmago do problema, considerando os positivos efeitos das recentes medidas fiscais adotadas, por que não estender sua aplicação à cadeia produtiva da aquicultura nacional? Não há maneira de fazer predições sobre o que aconteceria. Mas, bem



Foto: f&f

■ Itamar de Paiva Rocha é Engenheiro de Pesca (CREA 7226-D) e presidente da ABCC (abccam@abccam.com.br)